

## RUA DR. PLINIO BARRETO



## LEI N.º 1924, DE 26 DE SETEMBRO DE 1958

Dá o nome de "Dr. Plinio Barreto" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "Dr. Plinio Barreto", a Rua 5 do Jardim Belo Horizonte, e que tendo início na Av. N.S. de Fátima termina na Rua 4.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de setembro de 1958.

*Ruy Hellmeister Novaes*  
Prefeito Municipal

*Eng. Paulo Silva Pinheiro*  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 26 de setembro de 1958.

O Diretor  
*Alvaro Ferreira da Costa*

RUA PLÍNIO BARRETO



Plínio Barreto nasceu em Campinas, a 20 de junho de 1882, filho de José Barreto e de d. Vicência Augusta Barreto. Depois do curso primário, matriculou-se no Seminário Episcopal, transferindo-se, mais tarde para o Colégio São Paulo, em Minas Gerais. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1902. Quando acadêmico, colaborou em numerosos jornais e revistas. Tornou-se grande amigo de Júlio Mesquita, passando a fazer parte da redação de "O Estado de S. Paulo" (1900-1927), onde começou como revisor e chegou ao alto cargo de diretor (1927-1942). Trabalhou também no "Comércio de S. Paulo", da capital paulista, e em "O Jornal", do Rio. Dirigiu o "Diário da Noite", de que foi um dos fundadores (1926-1927), a "Revista do Brasil" e a "Revista dos Tribunais", de que foi um dos idealizadores. Fundou o jornal "O Queixoso" e a edição vespertina de "O Estado". Foi deputado à Constituinte de 1946, e Secretário da Justiça, no governo organizado em 1930. Assinou, por muito tempo, os rodapés de crítica forense e literária de "O Estado de S. Paulo". Organizou a Ordem dos Advogados de São Paulo. Em maio de 1958, foi eleito para a Academia Paulista de Letras, Cadeira nº 21, na vaga de Freitas Vale. Faleceu, em São Paulo, a 28 de junho de 1958.

**FALECEU ONTEM O SR. PLINIO BARRETO**

Faleceu <sup>28.6.48</sup> ontem, nesta capital, aos 76 anos de idade, o sr. Plínio Barreto, advogado, jornalista e escritor. O extinto deixa viúva a sra. Celina Pacheco Barreto, e os filhos Lucia Barreto Sodré, casada com o sr. Haroldo Azevedo Sodré, e Caio Plínio Barreto.

O feretro sairá hoje, às 9 horas, da rua Antônio de Queirós, 239, para a Santa Casa de São Paulo, onde haverá missa de corpo presente, e, às 15 horas, dar-se-á o sepultamento.

O sr. Plínio Barreto nasceu em Campinas, a 20 de junho de 1882, sendo filho do sr. José de Moraes Barreto e da sra. Vicência Augusta Barreto. Depois do curso primário, matriculou-se no Seminário Episcopal, transferindo-se, mais tarde, para o Colégio São Paulo e Minas. Formou-se pela Faculdade de Direito do largo de São Francisco.

Começou sua vida jornalística aos 14 anos, como revisor de "O Estado de S. Paulo". Quando acadêmico, colaborou em diversos jornais e revistas. Foi reporter, redator, redator-chefe, passando depois, (em 1927) a ser um dos diretores daquele jornal. Trabalhou também no "Comércio de São Paulo" e no "O Jornal", do Rio de Janeiro. Dirigiu o "Diário da Noite", a "Revista do Brasil" e a "Revista dos Tribunais", da qual foi fundador e diretor.

Foi presidente do Instituto da Ordem dos Advogados. Em 1924, foi à Europa representando «O Estado de São Paulo» no Congresso de Imprensa Latina, que se realizou em Lisboa.

Na Revolução de 1924, como membro da Liga Nacionalista, trabalhou auxiliando a população.

Em 1930, no governo dos quarantistas, foi secretário da Justiça.

Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, foi chefe do Serviço de Publicidade.

Em 1940, quando do fechamento do «O Estado de São Paulo», foi preso.

Ocupou vários cargos, entre os quais o de deputado federal à Constituinte de 1946.

Como crítico, assinou durante muito tempo rodapés no «O Es-

taço». Foi, ainda, membro de diversas entidades culturais e jurídicas.

Foi deputado pela U.D.N. de São Paulo na Constituinte de 45 e candidato a governador do Estado pela U.D.N.

Bibliografia: "Gregório de Matos", conferência, Tip. Levi, São Paulo, 1916; "Cronicas Forenses", São Paulo, primeira serie; "Cronicas Forenses" (O Tribunal de Justiça em 1911) Emp. Edit. "O Pensamento", São Paulo 1912; "Cem Anos de Cultura Jurídica no Brasil" (1822-1922), Ed. Biblioteca do "O Estado de São Paulo" n.º 2, São Paulo, 1922; "Questões Criminais", Sec. de Obras do "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 1922; "Os Acontecimentos de Junho de 1924" (O dr. José Carlos de Macedo Soares), Emp. Graf. Monteiro Lobato, São Paulo, 1925; "O Público", in "O Estado de S. Paulo", São Paulo, 1931; "Um Paranóico de Grande Tomo", São Paulo, 1935; "Civillização e Comunismo", discurso, Ed. Tip. Siqueira, São Paulo, 1936; "Julio Mesquita", conferência, São Paulo, 1939; "Edmundo Navarro de Andrade", estudo biográfico, e muitos outros trabalhos literários e jurídicos.

